

O ACOLHIMENTO ÀS NOVAS GERAÇÕES: REFLEXÕES ACERCA DO PAPEL DA EDUCAÇÃO A PARTIR DE HANNAH ARENDT¹

Luis Carlos Rossato².

¹ Texto que compõe pesquisa realizada no Curso de Mestrado em Educação nas Ciências da Unijuí.

² Mestrando em Educação nas Ciências na Unijuí. Bolsista CAPES.

1. **INTRODUÇÃO.** A escola, da forma como a concebemos hoje, é uma invenção recente. O surgimento do conceito moderno de república trouxe consigo um modelo de escola que, em suas bases conceituais, perdura até hoje. Na Revolução Francesa, Condorcet manifesta o pensamento da modernidade acerca da educação, estabelecendo uma estrutura escolar que, atendendo aos preceitos da república, apresenta ao mundo novidades como a educação enquanto responsabilidade do estado, a universalização do acesso e a educação como promotora da igualdade – e, portanto, da liberdade. Ou seja, traz a educação, enquanto instrução pública, para o contexto político.

Hannah Arendt, pensadora contemporânea, faz importantes observações sobre a educação, a partir da crítica à educação norte-americana e, em última instância, elaborando contribuições à educação republicana. Especificamente, a autora abordou o tema apenas em dois momentos: no texto A Crise da Educação (no livro Entre o Passado e o Futuro) e em Reflexões sobre Little Rock. Porém, o pano de fundo filosófico da obra de Arendt, em reflexões sobre a condição humana, por exemplo, contribui muito para debater conceitos que ajudam a estabelecer o papel da educação na tarefa de construir a república e de bem acolher os recém-chegados ao mundo.

Neste texto, refletimos sobre abordagens arendtianas da educação. Arendt atribui à educação a tarefa de contar o mundo às novas gerações. A cada nascimento surge no mundo um novo ser que precisa ser recebido e que pelo qual o mundo passa a ser responsável. Da mesma forma, este mesmo ser representa para o mundo a possibilidade de renovação e de mudanças. A autora usa uma expressão contundente para representar estas duas possibilidades: tanto a criança precisa ser protegida do mundo, quanto o mundo precisa ser protegido da criança. O texto aborda ainda a contribuição de José Pedro Bouffleuer, de inspiração arendtiana, com um delineamento ético relativo ao ser professor, expresso como ética a partir da condição humana.

2. **METODOLOGIA.** A pesquisa compõe-se de estudo bibliográfico.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XIX Jornada de Pesquisa

3. **DISCUSSÃO.** É prerrogativa dos adultos mostrar para a criança o mundo de forma otimista e comprometida com seu futuro, a ponto de Arendt referir que aqueles que não acreditam neste mundo não devem ter filhos ou tomar parte da educação dos filhos dos outros. É a educação responsável pela ancoragem da criança no mundo, ensinando-a como o mundo é. No entanto, não cabe à educação a tarefa de instruí-las na arte de viver.

“Normalmente a criança é introduzida ao mundo pela primeira vez através da escola. No entanto, a escola não é o mundo e nem deve fingir sê-lo; ela é, em vez disso, a instituição que interrompe o domínio privado do lar e o mundo com o fito de fazer com que seja possível a transição, de alguma forma, da família para o mundo”(1997, p. 238).

Ao falar sobre educação, Arendt destaca que a recepção da criança ao mundo se dá em dois ambientes: na família e na escola. A família corresponde diretamente ao ambiente privado da vida. A escola, apesar de ser um espaço de acolhimento coletivo, não se configura como espaço que trata da vida pública, justamente pelo fato de ocupar-se com crianças. Poderíamos intuir que a escola está entre a vida privada e a vida pública. A distinção que Arendt faz entre esfera pública e privada ancora esta assertiva. A crítica da autora refere-se, em parte, justamente à confusão contemporânea entre os espaços da vida privada e da vida pública. Ao não conseguir estabelecer a distinção entre ambos, entre outras conseqüências, a humanidade joga suas crianças ao mundo, deixando-lhes a mercê de situações para as quais não estão preparadas – sem ter o devido cuidado necessário que o ambiente doméstico deveria lhe oferecer. De igual forma, porém de banda oposta, o mundo é colocado em risco, uma vez que poderá estar refém de quem não tem ainda responsabilidade para conduzi-lo.

Estes posicionamentos revelam que a educação cumpre um papel de conservação, promovendo a separação entre política e educação e estabelecendo diferenciação entre mundo adulto e mundo das crianças. A política é concebida como espaço de ação entre iguais. Sendo os adultos e as crianças desiguais, não é possível estabelecer entre eles relação política. Aliás, sendo a política somente para os adultos, cabe à educação justamente dar as bases necessárias para que, no futuro, esta criança seja um adulto que tenha condições de participar do mundo comum.

“(...) o educador está aqui em relação ao jovem como representante de um mundo pelo qual deve assumir a responsabilidade(...). Essa responsabilidade não é imposta arbitrariamente aos educadores; ela está implícita no fato de que os jovens são introduzidos por adultos em um mundo em contínua mudança. Qualquer pessoa que se recuse a assumir a responsabilidade coletiva pelo mundo não deveria ter crianças, e é preciso proibi-lo de tomar parte em sua educação” (1997, p. 239).

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XIX Jornada de Pesquisa

Ao analisar o sucedido numa escola dos EUA, em que uma menina negra é recebida, por ordem judicial vinda da Suprema Corte Federal, numa escola para brancos, num período em que a segregação entre brancos e negros ainda estava amparada em lei e sedimentada nos costumes e nas consciências, podemos compreender a postura de Arendt como de precaução, defendendo que não se deve expor as crianças – que ainda não tem maturidade para o debate de temas que devem ser resolvidos na política – a situações que não conseguem resolver. A menina negra que apareceu numa foto – que estampou a capa de jornais americanos – amparada por um homem branco, amigo de seu pai, enquanto era perseguida por uma turba de estudantes brancos que a chacoteavam (no caso de Little Rock), foi submetida ao centro do debate acerca da segregação. Ou seja, usou-se da escola e das crianças para uma ação política. A segregação racial, que é um problema político, deve ser debatido no cenário público, entre cidadãos que estão em igualdade de condições de argumentação, tendo maturidade suficiente para abordar temas que são duros e suportar suas consequências. Arendt aponta que, antes da solução se dar na escola, ela precisa estar resolvida entre os pais destas crianças. Se os pais das crianças brancas não estão convencidos da necessidade do fim da segregação, não é razoável que os filhos – tanto os brancos quanto os negros – sejam obrigados a enfrentar pessoalmente este tema. Transferir a solução deste problema para o ambiente escolar, no caso citado, expôs os estudantes a traumas que podem ter deixado marcas tão grandes como o próprio problema histórico da segregação.

“Entretanto, a parte mais surpreendente de toda história foi a decisão federal de iniciar o processo de integração, dentre todos os lugares, nas escolas públicas. Certamente não havia a necessidade de muita imaginação para ver que isso sobrecarregaria as crianças, brancas e pretas, com a elaboração de um problema que os adultos por gerações se confessaram incapazes de resolver” (2004, p.271).

Arendt, ao se referir a este caso de Little Rock, tece duras críticas à educação progressista que “abolindo a autoridade dos adultos, nega implicitamente a sua responsabilidade pelo mundo em que puseram os filhos e recusa o dever de guiar as crianças por esse mundo” (2004, p.272). Identificamos com clareza a insistência arendtiana de que as gerações anteriores precisam assumir a responsabilidade pela condução das novas gerações, no sentido de protegê-las do mundo.

Conceber a educação como do campo pré-político, em nenhuma forma significa não prezar pela democracia ou pelos valores republicanos. Importante perceber que, o que numa análise rápida pode parecer paradoxal, faz muito sentido: apesar de ser conservadora quanto à educação, Arendt não é conservadora na política. A aposta republicana aqui condizente é que, toda criança deve receber do mundo, e por decisão dos adultos, o melhor da cultura e do conhecimento elaborados para que, quando adultos, possam agir sobre o mundo e, possivelmente, transformá-lo.

“Exatamente em benefício daquilo que é novo e revolucionário em cada criança é que a educação precisa ser conservadora; ela precisa preservar essa novidade e introduzi-la como algo novo em

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XIX Jornada de Pesquisa

mundo velho, que, por mais revolucionário que possa ser em suas ações, é sempre, do ponto de vista da geração seguinte, obsoleto e rente à destruição” (1997, p. 243).

Por ser um ambiente pré-político, na esfera da vida privada a autoridade tem papel indispensável. Aqui se reafirma a necessidade dos adultos, sejam pais ou professores, de se responsabilizarem pela educação das crianças. Não é de forma alguma estranho que os adultos definam o que será ensinado nas escolas e quais os métodos e as formas de conduzir o processo de aprendizagem, por exemplo.

Tendências educacionais – que apareciam com força na sociedade americana estudada por Arendt e que igualmente se identificam na contemporaneidade – que falam em autonomia da criança para aprender são conseqüências da confusão entre a vida pública e a vida privada. De igual ênfase, correntes políticas progressistas que atribuem à educação a tarefa de “criar consciência crítica” no intuito de preparar a transformação da sociedade ou preparar as crianças para a revolução, por exemplo, são derivados dos mesmos equívocos. Tais tendências são muito comuns e aparecem com freqüência, revelando que são reflexos de um movimento que vai além da questão escolar e que compõe o quadro de crise da modernidade.

José Pedro Boufleuer, em diversos textos e em suas aulas, reflete sobre a condição de imaturidade e menoridade do aluno no âmbito pedagógico, necessitando da educação para ancorar-se no mundo. Afinado com Arendt, atribui como tarefa da educação contar o mundo às novas gerações, de forma que propicie à criança estar ancorada no mundo. Para isso, a educação deve alcançar que a criança perceba o mundo em sua lógica constitutiva. Do legado da tradição cultural (daquilo que a educação se ocupa em ensinar) é preciso que a criança se aproprie, fazendo-o o seu modo de ser. Desta forma, o aluno torna-se cúmplice da construção própria.

“(…)aprender com base no já aprendido por quem “veio antes”, aliado à necessidade de fazê-lo em perspectiva própria, no sentido de tomar esse aprendizado como novo para cada aprendente, parece ser a questão central da educação. Uma questão que coloca, de partida, a responsabilidade tanto por parte dos educadores de ensinarem a tradição histórica e cultural aos educandos, bem como a responsabilidade dos educandos de fazerem desse ensinamento um modo possível de se situarem no mundo como sujeitos históricos, isto é, de fazerem dele um aprendizado ” (2013, p. 2).

Cada geração precisa incorporar o legado humano. É isso que possibilita que o mundo resista ao risco eminente às novas gerações, tal como posto por Arendt. Compete à educação assumir a tarefa de bem conduzir estas novas gerações, até que estejam em condições de decidir o futuro. Em Arendt, lemos:

“A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XIX Jornada de Pesquisa

renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar se suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum” (1997, p. 247).

Nesta direção, a responsabilidade do professor passa por um delineamento ético, que Bouffleuer apresenta como ética a partir da condição humana. O primeiro princípio ético para quem se propõe a educar é gostar do mundo, apresentado-o em sua face positiva; em seguida, o professor deve apresentar “as razões” do mundo, justificando aos alunos o que se está ensinando; em terceiro, é fundamental o testemunho pessoal do conhecimento, pois o educador deve vivenciar aquilo que ensina; por fim, o professor deve apresentar o mundo como proposição, ou seja, em sua abertura fundamental para o novo. E, ao apresentar o mundo como proposição, refere-se justamente ao caráter provisório e histórico do conhecimento e do mundo humano, definindo o espaço em que o aluno, alguém que pela primeira vez está aí, terá para atuar.

5. CONCLUSÃO. Para concluir, retomamos Bouffleuer:

“Sob o ponto de vista da ética a educação cumpre a sua tarefa quando, na responsabilidade para com as novas gerações, mostra o caminho já percorrido pelas gerações adultas, para que possa servir de referência a quem tem tudo por andar. Em transmitindo o legado histórico e cultural às novas gerações, a educação prepara para a política, para a inserção no debate acerca dos destinos da sociedade” (2013, p. 3).

Ou ainda, como por Bouffleuer referido em outra ocasião, quem está chegando ao mundo deve aprender com quem está aí há mais tempo; educamos para ganhar tempo e ser cidadão no tempo presente. Eis a tarefa da pedagogia! Inspirados em Arendt, podemos acrescentar que devemos conceber que a busca de um mundo melhor depende da ação política dos adultos que, através de seu testemunho, chega aos pátios escolares como ensinamento. Isso fará com que cada criança seja bem acolhida ao mundo e, assim, se sinta tão segura que, no futuro, estará bem preparada para tomar as rédeas e enfrentar os problemas de seu tempo.

6. AGRADECIMENTOS. À CAPES, pelo apoio à pesquisa.

7. REFERÊNCIAS.

ARENDDT, Hannah. Educação em Hannah Arendt. 4ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.

_____. Responsabilidade e julgamento. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CONDORCET, Jean-Antonie. Cinco memórias sobre a instrução pública. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XIX Jornada de Pesquisa

BOUFLEUER, José Pedro. Docência no Ensino Superior. Texto base da disciplina Docência no Ensino Superior, ministrada no Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências da UNIJUÍ. Ijuí, 2013.